

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e escrita em Platão*; tradução de Fernando Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003.

Dennys Garcia Xavier*

O livro *Oralidade e escrita em Platão*, de Franco Trabattoni tem por objetivo estabelecer uma espécie de *terceira via* entre duas correntes metodológicas que, a partir da segunda metade do século XX praticamente monopolizam os debates acerca do melhor modo de se entender a filosofia de Platão: a de F.D.E. Schleiermacher¹ (criada no século XIX e amplamente adotada por um sem-número de platonizantes desde então) e a da escola de Tübingen-Milão (inaugurada no final dos anos cinquenta por Hans Krämer e Konrad Gaiser e mundialmente publicizada e aperfeiçoada a partir dos anos oitenta por Giovanni Reale)². É que para Trabattoni, a disputa científica instalada entre os adeptos daquelas correntes se tornou de tal forma controvertida que acabou mesmo por se configurar

* Mestrando em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

¹ SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Platons Werke*, Berlim 1804-1828. (A introdução à tradução alemã de Schleiermacher foi traduzida para o português por Georg Otte (Schleiermacher, F.D.E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002).

² A primeira obra a adotar completamente o novo paradigma hermenêutico (ou "paradigma alternativo") foi aquela de Krämer, H. *Arete bei Platon und Aristoteles*. Heidelberg, Carl Winter, 1959; por sua vez, a obra principal de Gaiser é *Platons ungeschriebene Lehre*. Stuttgart, Klett Verlag, 1963. Mais recentemente, Reale publicou a obra mais completa sobre o tema - com uma extensa publicização das conclusões da *escola de Tübingen* mais uma análise exegética de alguns dos Diálogos mais importantes de Platão, sob nova chave hermenêutica -, a *Per una nuova interpretazione di Platone: Rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle "Dottrine non scritte"*, Milano, Vita e Pensiero, 1991. Tanto Krämer quanto Reale continuam a publicar uma série de estudos sobre Platão e o novo paradigma hermenêutico; Gaiser também o fez até maio de 1998 quando foi prematuramente colhido pela morte.

numa espécie de “diálogo entre surdos” (p. 67) permeado por “graves quedas de nível, de sarcasmos pesados e de ataques pessoais” (p. 65), o que, obviamente, deve ter causado prejuízo para uma apreensão mais adequada dos argumentos apresentados por ambos e, por via de conseqüência, da própria filosofia platônica.

Com apresentação do Professor Marcelo Pimenta (UFMG) e traduzido pelos Professores Fernando Rey Puente e Roberto Bolzani Filho (USP), o livro de Trabattoni tenta fundar uma espécie de contraponto entre os aparentes excessos cometidos pelos autores e seguidores daqueles modelos interpretativos, apontando-lhes os erros e ressaltando-lhes os acertos (o que, a bem da verdade, nem sempre consegue), sem se enveredar por discussões apaixonadas e sectárias e com significativo respeito por aqueles sobre os quais fala: leitura fundamental para o pesquisador brasileiro que dispõe de pouquíssimo material (de qualidade) de história da filosofia antiga publicado em língua portuguesa.

Na primeira parte de *Oralidade e Escrita em Platão*, Trabattoni analisa as dificuldades que se apresentam ao pesquisador que assume como correta a tese segundo a qual poderíamos reconstruir todo o pensamento de Platão a partir do que ele mesmo escreveu (uma vez que, como é notório, todas as suas obras chegaram, sem exceção, até nossos dias). Para Trabattoni, em primeiro lugar, são frágeis os critérios para se determinar quanto há de Platão em seus diálogos (já que o filósofo nunca introduz a si mesmo como personagem em nenhum daqueles textos) e, em segundo lugar, há uma tradição indireta referente ao seu pensamento – aduzida de obras de discípulos diretos (Aristóteles, por exemplo) e de filósofos posteriores (Simplicio e Alexandre de Afrodísia, entre outros) – altamente relevante e que não deve ser posta de lado. Contudo, pergunta Trabattoni, “até que ponto levá-la [a tradição indireta] em consideração?”, “como reconstruir uma imagem coerente da filosofia de Platão que leve em consideração tanto os escritos quanto os testemunhos?” (p. 25).

De acordo com o seu parecer, não se deve assumir totalmente as hipóteses da vertente que nega a importância filosófica dos testemunhos doxográficos referentes a Platão (segundo as quais Platão teria escrito tudo o que pensou), nem a da escola de Tübingen-

Milão, que leva às últimas conseqüências o significado e a importância daqueles testemunhos (e que atribui a Platão uma doutrina inescrita que está para além dos diálogos, mais importante do que eles)³. Ao polemizar com a escola de Tübingen-Milão, Trabattoni afirma que a convicção segundo a qual o ateniense teria dado preferência à comunicação oral decorreria apenas de razões históricas e que, por via de conseqüência, não teria maior importância filosófica. Para ele, essa seria a única saída para os tuinguenses, pois suas hipóteses só são defensáveis “se a desconfiança platônica em relação à escrita não tiver um significado filosófico” (p. 33). Entretanto, Trabattoni se vale exatamente do conteúdo filosófico das *ágrapha dogmáta* – resgatado pelo instrumental exegético de Tübingen-Milão – para “compreender melhor o pano de fundo teórico que favoreceu o desenvolvimento da interpretação esotérica de Platão no grupo da Universidade Católica de Milão encabeçado por Giovanni Reale” (p. 58). Segundo ele, a teoria dos princípios supremos da realidade aduzida das *ágrapha dogmáta* de Platão, entre outras coisas, se harmoniza com a orientação da Igreja Católica desde a encíclica *Aeternis Patris* de Leão XIII (1879) até aquela de João Paulo II, *Fides et Ratio* e se configura numa espécie de reação ao arcabouço exegético luterano (pouco metafísico) de Schleiermacher.

Trabattoni faz uma crítica contumaz – que por pouco não o leva àquele tipo de impostura constatada entre os debatedores de Tübingen-Milão e os defensores do Platão-escrito – ao que ele considera ser as verdadeiras razões históricas para a defesa daquele tipo de metafísica esotérica em Platão: são aspirações de uma filosofia que busca um “acordo entre fé e razão (...) e não está disposta a contentar-se com um espiritualismo genérico ou com uma vaga abertura à transcendência” (p. 63). É evidente a preocupação de Trabattoni em refutar mais a pessoa e as convicções particulares de Giovanni Reale – o que, vale dizer, tornou-se um lugar comum entre vários pesquisadores brasileiros – do que o paradigma de Tübingen-

³ De forma emblemática, Trabattoni afirma não ser possível deduzir de todas as passagens da tradição indireta conclusões acerca da existência e do conteúdo das *ágrapha dogmáta* de Platão (contudo, diz ele, isso ocorre com alguns trechos como aqueles da *Metafísica* (I, XIII E XIV) de Aristóteles, por exemplo).

Milão propriamente dito, e esse é o ponto fraco do seu texto. Prova disso é o item quatro do livro (p. 65-69) dedicado à crítica do recurso evocado por Reale⁴ a fim de justificar uma releitura de Platão à luz das doutrinas inescritas e para explicar parte da violenta reação que se observa contra ela: a *teoria das revoluções científicas* de Thomas Kuhn (absolutamente dispensável). Para Trabattoni, a adoção daquela teoria explica o fato – já observado por Fernanda Caizzi⁵ – de Reale, há alguns anos, evitar a menção e a discussão de interpretações divergentes da sua (p. 67) e de considerar sua releitura fundada sobre a preeminência da tradição indireta uma “revolução copernicana” nos estudos dedicados a Platão.

A polêmica que Trabattoni estabelece com Reale continua por praticamente todo o livro a partir de então, em especial, na análise que faz do conteúdo daqueles textos que são considerados pela escola de Tübingen-Milão os autotestemunhos de Platão contra a autonomia da escrita: o *Fedro* e a *Carta VII* (p. 103-203). Com uma abordagem estranha aos seus propósitos iniciais, Trabattoni promete investigar aqueles textos a partir de uma hipótese claramente proposta por Schleiermacher: tomando o texto como um “organismo argumentativo escrito em vista de um certo objetivo, enquanto o conjunto inteiro dos diálogos e objetivos desenha o quadro geral da filosofia de Platão” (p. 104). Trabattoni parece não perceber que se trata de uma abordagem histórico-genética que parte do pressuposto segundo o qual Platão pôs por escrito, de forma organizada e evolutiva, cada momento da sua filosofia (o que decerto ainda está longe de ser comprovado) e que confere aos diálogos de Platão um excesso de intencionalidade e pouquíssima casualidade.⁶

Ademais, Trabattoni considera exagerado o recurso tuinguense de se falar em “schleiermacherianos” como todos aqueles que, consciente ou inconscientemente, adotaram a hipótese segundo a

⁴ Cf. REALE, G. *Para uma nova interpretação de Platão*. Trad. de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1997, p.p. 3-22.

⁵ CAIZZI, F. D. *Filologia, Filosofia e ‘nuovi paradigmi’*. In margine a un’edizione del *Fedro* di Platone. In: *Rivista di storia della filosofia*, 53, 1998.

⁶ KRÄMER, H. *Platon e i fondamenti della metafisica*. Milano: Vita e Pensiero, 2001, p. 36.

qual Platão expressa toda a sua filosofia por meio da palavra grafada. Entre os “schleiermacherianos” estão muitos estudiosos – E. Zeller, P. Shorey e H. Cherniss, por exemplo – com as mais diferentes formações e influências históricas e, por isso mesmo, o “schleiermacherianismo” é, para Trabattoni, meramente uma “categoria vazia” que permite aos tuinguenses se livrarem “de um só golpe de todos os opositores, passados, presentes ou futuros, enquanto participantes de um mesmo grupo e, por conseguinte, culpáveis dos mesmos erros” (p. 49). De fato, os tuinguenses ainda devem prestar contas quanto a este ponto sustentado por eles (ainda que a observação de Trabattoni não abale em nada o cerne do sistema hermenêutico proposto pelos adeptos do paradigma contrário ao do Platão tomado apenas na sua dimensão de escritor).

O livro de Trabattoni, não obstante algumas contradições internas e a falta de um enfrentamento mais ousado dos argumentos centrais utilizados por Tübingen-Milão, tem por mérito uma certa sobriedade que o distingue fortemente daquelas críticas exageradas e, muitas vezes, despropositadas de comentadores como Cherniss⁷, por exemplo. A clara preferência pela metodologia que considera os diálogos de Platão peças artísticas e filosóficas autárquicas não afasta de Trabattoni aquele olhar crítico que, em algumas passagens, ventilam possibilidades para além de qualquer maniqueísmo exegético e que conferem ao leitor uma autonomia crítica bastante significativa e rara nos dias de hoje. Trata-se de um enriquecimento importante para a bibliografia dedicada ao escrutínio da filosofia de Platão em língua portuguesa, indispensável tanto para o leitor especializado quanto para aquele que simplesmente aprecia uma boa leitura sobre história da filosofia antiga.

⁷ CHERNISS, H. *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley-Los Angeles, 1945, p.p. 53 ss; tradução italiana, *L'enigma della Academia antica*, Florença, La Nuova Italia, 1974.